

# Pronome *você* na dêixis conversacional

Sandra Bernardo  
UERJ / PUC-Rio

## Abstract

Based on the socio-cognitive approach, I propose that the role of the pronoun *você* in the conversational deixis is related to an idealized cognitive model (MCI) of socio-personal deixis, activated by metaphoric projection. When projecting metaphorically the MCI *to point at*, speakers signal to their listeners the way that the referents will be interpreted in the discursive *space*, according to the perspective adopted in relation to their conversational speeches and to the sense effects that want to produce in the interaction. Thus, it was possible to observe two types of *você* in interaction: (i) prototype, used to select a specific listener; (ii) generic, used in contexts that don't involve the specific speaker's selection on the part of whose turn it is to speech. The interpretation of those uses of *você* reveal the joint construction of the discourse by speakers and listeners.

## INTRODUÇÃO

**A**o analisar uma conversa informal com base na teoria dos *espaços mentais*,<sup>1</sup> postulei o pronome *você* como uma das formas que funcionam como gatilho para abertura dos espaços FOCO e/ou PONTO DE VISTA, pois ambos se relacionam estreitamente à construção de uma perspectiva conjunta entre os interlocutores. Neste artigo, revisito tal hipótese, a fim de propor que a função do *você* está ligada a um modelo cognitivo idealizado de dêixis sociopessoal (v. seção 1), a partir do qual se pode observar um tipo de *você* genérico, empregado em contextos conversacionais que não envolvem a seleção de um interlocutor específico por parte de quem está com o turno de fala.

A conversa, da qual foram extraídos os trechos em estudo, foi gravada durante um jantar, em 1988, com a participação de cinco pessoas: Wilton (27 anos, carioca), Bebeta (31 anos, piauiense), Luana (7 anos, carioca), Isalmir (30 anos, carioca) e Célia (23 anos, carioca), responsável pela gravação.<sup>2</sup> Os falantes estão referenciados pelas iniciais de seus nomes na transcrição e no texto deste artigo.

### 1. ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Os estudos de base sociocognitiva congregam uma busca de descrições que abarquem os aspectos sociais e cognitivos envolvidos nos fenômenos lingüísticos. Nesse arcabouço, a linguagem é concebida

como *operadora da conceptualização socialmente localizada* através da atuação de um sujeito cognitivo, *em situação*

*comunicativa real*, que produz significados como *construções mentais*, a serem sancionadas no fluxo interativo. Em outras palavras, a hipótese-guia é que o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guie o processo de significação diretamente do contexto de uso.<sup>3</sup>

Tal hipótese se alinha com o realismo experiencial de Putnam (1992), para quem a linguagem não é uma representação objetiva da realidade, mas da forma como os seres humanos a percebem e a experienciam. Dentro dessa visão internalista de realidade, o significado lingüístico é incorporado, personificado; surge a partir da capacidade biológica e das experiências físicas e socioculturais captadas do meio ambiente. Assim, conceitos podem ser metafórica e socialmente estruturados, já que o significado social se desenvolve internamente a partir de modelos e processos cognitivos particulares dos seres humanos.

Essa concepção filosófica oferece a possibilidade de estudar o significado pragmático como parte da estrutura cognitiva e não externo a ela, pois o significado social é cognitivamente internalizado. Nessa perspectiva, a pragmática é vista como o estudo do uso da linguagem que busca estruturar a realidade como uma experiência significativa, porque o significado pragmático emerge interativamente enquanto a linguagem está sendo usada. Os usuários da língua devem ser vistos simultaneamente como falantes e ouvintes que atuam em um contexto (uma arena), construído dinamicamente durante a interação.<sup>4</sup>

Definida tradicionalmente como o uso de certas expressões lingüísticas para localizar entidades no contexto espaço-temporal, social e discursivo, a dêixis é conceituada por Marmaridou (2000, p. 67) como uma categoria pragmática que corresponde a um modelo cognitivo idealizado (MCI), responsável pela criação de um espaço mental construído com base em um esquema imagético “projetado dentro de uma estrutura conceptual”, ou seja, projeção metafórica de um espaço físico dentro de um espaço conceptual – hipótese da espacialização da forma de Lakoff (1987, p. 283). Logo, trata-se de

uma categoria que pode ser analisada em termos de uma escala de prototipicidade ao longo da qual vários usos dêiticos são distribuídos.

Com base nessa escala de prototipicidade, foram postulados empregos diferenciados do pronome *você*, conforme um afastamento ou uma abstratização, quanto ao seu uso para selecionar um interlocutor específico na conversa, a saber:

**(i) *você* prototípico → (ii) *você* genérico → (iii) *você* genérico em prefaciador**

Seleciona interlocutor entre os participantes da interação.

Sinaliza referentes ou entidades de forma geral (= as pessoas).

Sinaliza novo tópico.

O *você* prototípico apresenta um caráter interacional, porque é empregado para buscar a cooperação ou atenção de um dos participantes da interação, enquanto o *você* genérico pode ser usado como estratégia de modalização ou generalização, na medida em que o falante o emprega com o sentido *as pessoas* para não se incluir no grupo das entidades referenciadas por esse pronome ou para generalizar asserções sobre tais entidades, conforme as passagens (ii-a) a (ii-c).<sup>5</sup>

- (ii-a) I = 40 *você* chegava lá pra fazer uma visita..  
 41 aqueles OLHOS... né// ((risos)) os olhos do lobo mau...  
 42 eles olhavam as partes mais carNUdas.. né//  
 ((risos))
- (ii-b) B= 198 é todo mundo maluco...  
 I = 199 a Ana Maria-  
 ||  
 B= 200 de *você* não poder cha-... de *você* não poder chamar  
 ninguém... de feio...  
 [I= 201 a Ana Maria...
- (ii-c) W= 325 é... porque tem determinadas... determinadas  
 situações que *você* quer explicar numa outra língua...  
 326 *você* não consegue...  
 327 já no português *você* consegue...

Em (ii-a e b), os falantes tecem comentários generalizantes sobre os integrantes da família de I e C considerados comilões. Em (ii-c), o falante W tenta defender a tese de que o português é mais rico que outras línguas, demonstrando um certo afastamento ou um cuidado em relação ao que fala.

O *você* genérico em construções prefaciadoras desempenha a função de sinalizador de novos (sub)tópicos na conversa. Ambos os tipos de *você* genérico, (ii) e (iii), apresentam caráter interacional e organizacional no discurso. Neste artigo, será analisada a diferença entre o *você* genérico em prefaciadores e o prototípico, razão pela qual não foram exemplificados aqui.

A abordagem experiencialista para a dêixis promove a possibilidade de descrever unificadamente seus aspectos cognitivos e sociais,<sup>6</sup> já que, durante a produção e compreensão do discurso, os participantes envolvidos na interação conceptualizam, em conjunto, os sentidos produzidos na conversação. Isso pode ser percebido, segundo Clark (1996), por pistas deixadas pelos falantes de uma representação discursiva, composta de duas partes essenciais: (i) uma *representação textual* da linguagem e outros sinais usados durante o discurso; e (ii) uma *representação situacional* da situação sobre a qual se fala. Assim, a representação situacional consiste no que os participantes estão realizando, e a representação textual, nas estratégias comunicativas para desempenhar essas ações.

A conceituação de dêixis sociopessoal alinha-se a essa forma de conceber a semiose conversacional, porque a escolha do tipo de *você*, genérico ou prototípico, fornece pistas da organização da conversa, revelando o papel do falante como participante da(na) interação e como enunciador de seu discurso, ou seja, da sua contribuição em termos de sentidos produzidos. Dessa forma, tanto o papel social do falante-ouvinte quanto a sua participação na construção do discurso são descritos unificadamente.

A hipótese da espacialização da forma subjaz à metáfora *apontar-para*, formadora da dêixis, porque esse mecanismo envolveria a existência de uma entidade localizada no campo visual do falante,

à qual dirige sua atenção, procurando (talvez acompanhado do gesto de apontar) chamar a atenção do ouvinte para a mesma entidade, cujo paradeiro lhe interessaria, embora sua atenção não estivesse focalizada nela em um primeiro momento. Caso a entidade se locomovesse, o movimento também seria indicado. Assim, o falante poderia escolher entre descrever a referida entidade ou sua localização.<sup>7</sup>

As expressões dêiticas guiam a construção de um espaço mental partilhado por falante e ouvinte em um dado ponto no tempo. Tomar um ato físico como origem para um ato lingüístico explica a conceituação de falante como centro dêitico na literatura sobre dêixis.<sup>8</sup> De acordo com essa abordagem, a dêixis de lugar estaria no centro de uma escala de prototipicidade, a partir do qual os outros processos dêíticos seriam descritos em termos de um afastamento em direção a usos mais periféricos, gradativamente mais abstratos e conceituais, já que pontos no espaço podem ser compreendidos como pontos no tempo, e discursos são enunciados em arenas (locais) virtuais habitadas por pessoas representadas lingüisticamente conforme o papel social que encenam. Logo, a imagem de um espaço físico é projetada conceitualmente em um espaço mental estruturado a partir do esquema *centro-periferia*.

Nesse contexto, a análise da dêixis de pessoa, objeto de estudo deste artigo, não pode prescindir dos aspectos sociais, pois não se pode distinguir, em termos teóricos, papel social e papel de participante de um evento de fala, porque a pessoa do discurso está intimamente relacionada ao papel social desempenhado por falantes e ouvintes na interação e na sociedade/realidade. Ao empregar o pronome *você* com caráter genérico (= as pessoas), o falante não está apenas selecionando um interlocutor metaforicamente projetado no seu espaço conceitual e discursivo, mas também pode estar empregando essa estratégia de impessoalização como uma forma de modalizar suas asserções, ou de dar força à sua argumentação, indo além de uma referência situacional ao interlocutor do evento de fala. Esse uso do pronome é tão social quanto cognitivo e discursivo que o interlocutor não responde às observações do falante, não emite um par adjacente, pois “sabe” quando o *você* o seleciona ou não.

Tais usos dêiticos extrapolam descrições objetivistas, baseadas em condições de verdade, em que expressões lingüísticas apenas localizam uma entidade em relação ao falante, pois requerem a parceria dos interlocutores na construção conjunta do discurso. O aspecto social da dêixis não fornece uma camada extra do significado pragmático, mas constrói socioculturalmente cada falante, a depender do grau com que a dêixis é centrada na construção sociocultural da realidade através do discurso. Portanto, no âmbito da abordagem sociocognitiva, estarei trabalhando com o conceito de dêixis sociopessoal na análise do papel do pronome *você* no discurso conversacional.

A dimensão social presente em maior ou menor grau nos pronomes pessoais, nomes próprios e vocativos permite o uso dessas formas como estratégia de inserção de ponto de vista do falante em relação ao seu discurso e ao tipo de realidade que construirá com o interlocutor no que tange ao papel que cada um desempenha na interação. A esse respeito, podem-se destacar os seguintes exemplos adaptados de Marmaridou (2000, p. 79):

- (a) *Professor Mário está na sua sala?*
- (b) *Mário está na sua?*

Em (a) e (b), a presença ou ausência do vocábulo *professor*, um título acadêmico, indica a relação social entre quem pergunta e a pessoa a ser encontrada: no primeiro caso, poderia se tratar de um aluno, ou outra pessoa distante em termos de *status* profissional ou afetivo; no segundo, uma pessoa que se considera colega de *Mário*, com *status* similar. Logo, ao empregar tais estratégias de referenciação, o falante constrói socialmente seu discurso, sinalizando o papel social que desempenha na interação.

O emprego de *nós* em orações como *Não passamos a noite bem, não é, mas o doutor deixou um remedinho para aliviar suas dores* configura a inclusão de uma enfermeira, por exemplo, no universo do doente, a qual demonstra maior apreço pelo restabelecimento do paciente ao ser polida, marcando assim seu papel social através do (e no)

discurso. Frases desse tipo revelam a perspectiva com a qual o discurso é configurado pelo falante em um espaço mental aberto pelo pronome *nós*, responsável pelo enquadre do *ponto de vista* (doravante PV) discursivo.

Logo, em uma abordagem sociocognitiva, a dêixis discursiva não dependerá apenas da definição do referente orientada em relação a quem fala, mas do grau de especificidade desse referente e da arena espaço-temporal do próprio enunciado e do evento de fala. Em outras palavras, a dêixis não é definida somente em termos da relação entre *quem* fala, *quando* fala, ou *de onde* fala e *o que* fala; ela é reforçada por uma gama de dimensões ligadas ao *como*, *a quem* e *com que objetivo* se fala, ou seja, ao papel social desempenhado no evento de fala pelos atores nas interações. Nesse sentido, expressões tipicamente dêíticas podem ser reforçadas por outras formas lingüísticas, tais como: marcadores discursivos, vocativos, expressões anafóricas, marcas de polidez, entre outras formas.

Ao analisar o pronome *you*, Marmaridou (2000) descreve três tipos de uso desse pronome: (i) casos de emprego prototípico, em que um interlocutor específico é selecionado como uma entidade definida no espaço físico e social; (ii) casos menos prototípicos, em que um ouvinte é apontado como entidade definida apenas no espaço discursivo; (iii) casos marginais, mais abstratos, contudo ainda dêíticos, em que o falante não se dirige a um ouvinte específico, mas a uma entidade interpretada metaforicamente como temporal e social no âmbito do discurso. Os exemplos seguintes ilustram os casos de *you* não prototípicos apresentados por Marmaridou (*op. cit., passim*).

- (ii-a) *O tempo acabou. Obrigada pela atenção, esperamos ver você de novo brevemente.*<sup>9</sup>
- (iii-b) *Você nunca sabe o que os jovens querem realmente hoje em dia.*<sup>10</sup>
- (iii-c) *Você deve bater os ovos em neve.*<sup>11</sup>

Em (ii-a), a locutora de um canal de compras dirige-se aos telespectadores sem apontar um ouvinte específico no espaço físico



e social, mas ouvintes genéricos referidos em seu discurso, que será partilhado através de um veículo de comunicação responsável pelo estabelecimento da arena discursiva, pela corporificação do discurso, mesmo em outro momento no tempo, caso o programa não seja ao vivo. Em (iii-b), o ouvinte é mais genérico do que o ouvinte da locutora, porque não há um veículo corporificador do discurso, contudo esse ouvinte é metaforicamente definido como pertencente ao momento (no tempo) pelo qual a sociedade passa, é um representante de todos que pensam como o autor do enunciado.

Isso é possível devido à capacidade que o ser humano possui de (i) identificar seus semelhantes “como seres mentais e intencionais”, (ii) “adquirir e usar representações cognitivas perspectivas na forma de (...) metáforas” e (iii) “internalizar certos tipos de interações discursivas, o que promove a capacidade de metacognição, redescrição representacional e pensamento dialógico”.<sup>12</sup> Assim, o interlocutor é capaz, em termos sociocognitivos, de diferenciar um *você* prototípico daquele que incorpora metaforicamente o pensamento de vários segmentos de sua cultura em um enunciado como (iii-b).

Embora Marmaridou (2000, p. 108) arrole o caso de (iii-c) no mesmo de (iii-b), pois o referente desse pronome não está especificado, admite certa distinção entre os dois usos, em razão de (iii-c) não envolver um caso de interação face a face (p. 77), mas um suposto leitor versado em culinária,<sup>13</sup> o que poderia estar próximo ao caso de *you* em (ii-a). Tais nuances reforçam o caráter escalar da dêixis, distribuída em um contínuo conforme a representação da entidade referida pelo *you* (*você*): definida no espaço ao ser apontada física e socialmente pelo falante, definida no discurso como alvo da comunicação e definida metaforicamente como um símbolo co-construído na interação.

Os empregos de *você*, observados na conversa, evidenciam essa capacidade de compreensão do homem como ser mental e intencional, a qual pode ser relacionada, respectivamente, aos espaços mentais FOCO e PV: este envolvido na forma como o falante enquadra seu discurso, ou seja, na modalização de seus enunciados; aquele, na contextualização desses enunciados.

O ato de apontar metaforicamente uma entidade, inicialmente não focalizada, a fim de, através dela, orientar os participantes da interação sobre um novo tópico do discurso relaciona-se à abertura de espaços-FOCO, a saber: (i) o espaço mais ativo; (ii) aquele que deixa algumas pistas consistentes para sua identificação nas sentenças; (iii) o espaço no qual a sentença de um discurso se torna *comunicativamente funcional*,<sup>14</sup> a partir de pistas gramaticais e pragmáticas.

O modo como o falante enquadra seu discurso, ao empregar um *você* genérico, está relacionado ao espaço-PV. Centro da conceptualização ou conscientização de um *self* a quem um enunciado é atribuído, o PV é um primitivo teórico discursivo que pode ser composto por uma gama de dimensões dêiticas visíveis ou não lingüisticamente. Essas dimensões podem apresentar uma natureza pessoal (eu *vs.* você *vs.* outras pessoas/outros objetos), temporal, espacial, *realis/irrealis*, distância emocional ou empatia, distância social, psicológica ou cognitiva. O PV pode ainda ser composto por uma única dimensão: temporal ou espacial, ou um subconjunto de dimensões mais abstratas.

Assim, as expressões com *você* genérico guiam a abertura de um espaço mental-FOCO “em que falante e ouvinte estão co-presentes em um dado momento no tempo”.<sup>15</sup> Esse espaço mental evocado pelo *você* envolve a conceptualização de um centro dêítico, representando simbolicamente um ato físico realizado por um ser humano em presença de outro ser humano, através de um MCI de dêixis estruturado como “um agente (falante) que chama a atenção de um paciente (interlocutor) para uma entidade em termos de sua relação (espacial) com o agente” (*ibid.*). Os espaços mentais estruturados por esse MCI de dêixis também carregam nuances do PV com que o falante enquadra seu discurso, porque a dêixis de pessoa está inerentemente ligada a fatores socioculturais.

Portanto, o *você* consiste em uma forma dêítica que sinaliza a abertura de espaços mentais FOCO e/ou PV, estruturados metaforicamente como o ato de *apontar-para* um interlocutor específico ou *para* uma

entidade referenciada no discurso com propósitos diversos. Em outras palavras, o ato de apontar no espaço físico é projetado metaforicamente em espaços mentais para construção de um modelo cognitivo de dêixis que apresenta uma natureza escalar em função de quão abstrato é o ato de apontar.

## 2. PRONOME VOCÊ NA DÊIXIS CONVERSACIONAL

A natureza escalar da dêixis expressa pelo *você*, em termos do grau de afastamento da referência a um interlocutor, pode ser notada na passagem seguinte:

- (a) I = 534 *você* quer ver uma coisa Célia...  
 535 óh... *você* pega o fundo do quintal (+ 2 s.)  
 536 o fundo de quintal... é...é como que chama é//  
 537 roda de samba não... (aqui é chamado de)...  
 W= 538 pagode...  
 I = 539 é pagode... né//  
 W= 540 pagode\  
 I = 541 *você* vê a linguagem que eles usam não tem nada de  
 luta de classe ali...  
 542 não tem nada... transformação social...  
 543 então é permitido... é permitido... né//  
 [W= 544 é...]

Na unidade de idéia<sup>16</sup> (doravante UI) 534, observa-se o que Marmaridou (2000) chama de dêixis forte, uma vez que o falante usa o pronome *você* para selecionar um interlocutor específico a quem está dirigindo a palavra, indicando<sup>17</sup> o interlocutor (Célia). Nesse trecho, o falante I cita o discurso dos pagodeiros como evidência de um tipo de linguagem pouco transformadora, porque não contestaria a ideologia dominante, daí sua ampla divulgação na mídia, comprometida, na aceção de I, com essa ideologia.

Nas unidades 535 e 541, o *você* apresenta um caráter genérico, pois integra, junto com a forma verbal que lhe segue, uma espécie de prefaciador do tópico a ser abordado no evento.<sup>18</sup> Essa construção

aparece no início e na etapa de conclusão desse tópico, figurando, assim, na contextualização de um novo conteúdo informacional. Portanto, percebem-se as semioses abstratas e conceptuais das construções como um todo, reforçando o caráter genérico do *você*, que pode ser considerado um caso intermediário entre dêixis sociopessoal e discursiva, devido à projeção metafórica das entidades referenciadas/analizadas no discurso.

Tais prefaciadores são constituídos por verbos no modo indicativo, predominantemente no presente,<sup>19</sup> ou no imperativo, como em 417, nesta passagem:

- (b) I = 417 cê- ôh... *você* veja bem...  
 418 existe é...é...é cinco idioma...  
 419 que os cinco principais idioma...né...  
 420 que é falado no mundo todo...  
 421 então *você* pega o primeiro...  
 422 me parece... não sei... se é chinês ou russo...

Em todos os casos de *você* genérico seguido de verbo, a carga semântica de formas como *ver* e *pegar* aparece abstratizada, já que são empregados com o sentido de *analisar*, *entender*, *perceber* sem denotar ações físicas, como ocorre em 541 (a), 417 (b) e 421 (b). Logo, o verbo *ver* não expressa sentido de identificar algo visualmente, podendo inclusive exprimir o mesmo sentido do verbo *pegar* em 535 (a), que, por sua vez, não é empregado com significado de segurar algo com as mãos.<sup>20</sup> Assim, estruturalmente, verifica-se a construção *você+verbo(percepção)*<sub>pres.ind./imp.</sub> abrindo espaços mentais FOCO na conversa, conforme a UI 523 do excerto (c), em seguida, através da qual o falante introduz a entidade a ser criticada em seu discurso.

- (c) I = 522 eu pô... ôh Célia... *você* que senta nos bancos escolares...  
 523 *você* pega uma professora que entra na Letras...  
 524 eu acredito que elas devem... elas devem ser até muito conservadoras em relação à linguagem... entendeu// eu acho...  
 C= 525 em que sentido// conservadora...

I = 526 assim... conservadoras não permitindo ou não estudando  
ou ou eliminando o pensamento... de estudar essas  
palavras tabu...  
527 quer dizer... é a linguagem o túmulo do homem... né//

Após a tomada de turno na unidade 522, em que há um caso de *você* prototípico, pois o falante I busca a atenção da falante Célia, a construção *você pega* inicia a contextualização do tópico específico do evento: uma crítica ao caráter conservador do discurso acadêmico. Em estudo anterior,<sup>21</sup> esse tipo de ocorrência foi considerado menos genérico que os de 535 e 541, em (a), porque, no contexto de 523, o falante I poderia estar se dirigindo indiretamente a C, já que a questionou em 522. Contudo, o grau de generalidade e abrangência da unidade, devido ao convite à reflexão, à semântica do verbo e ao *status* contextualizador que expressa, levou-me a considerar mais um caso de *você* genérico.

Outro tipo de contexto para o qual, inicialmente, foi postulado um grau intermediário entre o *você* prototípico e o genérico foi o de perguntas retóricas, interpretado, nas primeiras análises, como propício a uma resposta/um par adjacente na interação com interlocutor, como pode ser observado na passagem (d) seguinte, nas unidades 737 e 741. Todavia, além de não ter-se efetivado um par adjacente, já que os interlocutores perceberam o artifício retórico do falante I, a estrutura sintática e o significado genérico permanecem os mesmos em relação aos casos de *você* anteriormente considerados [+genérico]:

- (d) 734 num re- num não formula uma frase...  
W= 735 ele só... só defende o interesse que ele tem na área...  
I = 736 por quê//  
737 *você* entenda bem...  
738 por que que uma pessoa é líder//  
739 existe... us us líderes... né/  
740 por que que existe os líderes//  
741 *você* acha que se eu sentar aqui e ficar mudo eu sou um  
líder//

W= 742 de jeito nenhum... nunca vai ser ((risos))

I= 743 o Lula é um líder por quê//

No excerto (d), o falante introduz, na UI 736, um evento, em que especulará sobre o fato de Lula ser um líder devido ao conteúdo de seus discursos, com uma espécie de pergunta retórica; porém, em seguida, contextualiza melhor seu novo argumento em 737, empregando o mesmo tipo de prefaciador: *você+verbo*<sub>pres./imp.</sub>. A pergunta retórica de 736 também poderia estar relacionada ao evento anterior sobre o discurso dos posseiros, dotado de pouco espaço na mídia, porque seria ineficaz, segundo I. Assim, seria estabelecida uma oposição entre o discurso dos posseiros e o de Lula, tema do evento que se inicia.

A diferença entre *você* prototípico e genérico pode ser verificada na comparação dos excertos (e) e (f) analisados adiante:

(e) C= 386 eu tô dizendo pra ele que não é quantidade...

I= 387 eu quero aprender/ eu quero aprender/

C= 388 não é a quantidade de: de signo que *você* adquire...  
aprende...

389 que seja o alfabeto X de uma pessoa intelectual/

390 são tipos de linguagem que são expressados por certos  
tipos de símbolo... entendeu//

[I= 391 ah... já entendi o que tu quer dizê\]

392 que é de uma categoria intelectual... uma categoria mais  
ou menos e por final aquela que... digamos assim... seja  
o popular...

(f) I = 650 *você* chega a uma conclusão seguinte...

651 existe du- existe uma língua- o coloquial brasileiro é  
totalmente diverso

W= 652 totalmente...

I = do escrito...

W= 653 [totalmente...]

I = totalmente...

W= 654 [é vós micê (inint.)]

- [I = 655 é... total- totalmente diverso...  
 656 *você* vê que u: u: coloquial... u usual... nas pessoas-  
 657 tem pessoas que não formulam uma frase... (Wilton)  
 658 não conseguem formular um frase... não consegue...

Na UI 388 (e), a falante C dirige-se a I, tentando explicar-lhe as diferenças entre os alfabetos da língua japonesa; já em 650 e 656 (f), ocorre *você* genérico, através do qual o falante inicia a unidade que introduz um novos (sub)tópicos na conversa: o evento *Variedades lingüísticas* (650) e o trecho de conclusão do referido evento. Em seguida, no excerto (g), mais um trecho de *você* metaforicamente projetado em comparação com *você* prototípico.

- (g) I = 557 *você* vê o seguinte eles botam um metalúrgico e botam cinco... seis patrões... né//  
 W= 558 hum...hum... então... então é: tu:-  
 [I = 559 aí *você* sente...  
 560 Wilton... ela... ela que estuda Letras...  
 561 ela poderia me responder essa pergunta...  
 562 **você** sente o seguinte...  
 563 existe uma grande diferença entre o que o Mário Amato vai dizer/  
 564 o dono de uma empresa metalúrgica vai dizer/  
 565 *você* sente que existe uma diferença de linguagem Cé-  
 566 é...é... *você* já deu pra tu perceber isso//  
 567 um Mário Amato falando... um Jair Mene- Meneghelli falando...  
 568 existe uma diferença grande... cara...  
 570 *você* sente que a linguagem tá sendo usada pra dominação...  
 571 já o operário ele não sabe falar...  
 572 ele atropela a língua cum... cum dente... cum garganta... com cordas vocais...  
 573 por final... eles engolem tudo e acabou...

Nas unidades 557, 562 e 570, ocorrem casos de *você* genérico marcados pela construção *você+verbo(percepção)*<sub>pres./imp.</sub> e pelo

caráter contextualizador do enunciado, pois o falante está expondo sua tese sobre a diferença entre os discursos de metalúrgicos e empresários. Em 559 e 566, os empregos de *você* são prototípicos, devido aos vocativos *Wilton* e *cara* que assinalam a seleção do interlocutor W, talvez devido à tentativa de este tomar o turno em 558. Em 565, também se observa a menção à *Ce-*, embora o falante I não tenha pronunciado completamente o nome de Célia. Em todo o trecho (g), espaços mentais estão sendo abertos pelo falante I para fins de contextualização do evento através de *você* genérico.

Vale ressaltar, ainda, o emprego do pronome *ela* (UI 560 e 561), que codifica uma espécie de afastamento na referência à C por parte de I. Como em passagem anterior C não concordou com a posição de I sobre o discurso de uma suposta professora da área de Letras, ou porque C é a pessoa com maior nível de escolaridade, o falante I tenta inseri-la na arena discursiva de forma indireta, se comparada à maneira como chama a atenção de W. Verifica-se, portanto, um caso de utilização da dêixis de lugar, devido ao *status* de localização da participante, a fim de exprimir a atitude do falante. Assim, a referência à C como se estivesse alheia à interação no espaço do discurso revela uma postura menos inquiridora de I em relação à posição dela. No excerto (h), estão configurados os dois tipos de *você* postulados:

- (h) I = 448 a comunicação... a palavra... a...o... o...o idioma em si  
 ele pode ser usado com o fim de dominação...  
 449 *você* não acha não... Célia// em termos de comunicação//  
 C= 450 mas a língua em si... ela é um instrumento de dominação...  
 I = 451 é isso que eu quero dizer...  
 452 isso que eu que- quero é colocar... a língua como  
 instrumento de dominação...  
 453 *você* não acha que é//  
 I = 454 assim... o termo greve é uma palavra mais ou meno  
 tabu...  
 455 é um termo assim luta de classe/  
 456 Wilton... eu acho uma coisa interessante cara qui:: existe  
 uma luta de classe...  
 457 essa luta de classe é pouco veiculada/



458 **você** poucas vezes vê isso numa televisão... num rádio...  
459 eles nunca falam...

Em 449 e 453, o *você* prototípico consiste em um caso de dêixis forte, pois o falante I dirige-se a C. Já em 458, o falante está fornecendo uma evidência a fim de defender sua opinião de que o termo *greve* é tabu para a mídia, daí o *você* genérico. Logo, a gradação observada no emprego do pronome *você* reflete o modo como o falante seleciona seu interlocutor e se insere no discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todos os usos do pronome *você* analisados em (a)-(h), subjaz o MCI *apontar para*, pois os falantes localizam algo para o interlocutor. Contudo, o ato de apontar fisicamente é projetado no espaço discursivo através da metáfora *centro-periferia*, responsável pela gradação com que o pronome é empregado em função da perspectiva adotada pelo falante em relação à sua fala e aos efeitos de sentido que quer produzir na interação. Ressalta-se, portanto, a relação intrínseca entre dêixis sociopessoal e discursiva. Além disso, sendo a dêixis de lugar prototípica, deve ser salientado que esta reforça a dêixis sociopessoal em seu domínio de ação, característica marcada na conversa pelos tempos e modo verbais utilizados.

Ao utilizar o *você* genérico, o falante insere-se pragmaticamente no discurso, reforçando-lhe o caráter demonstrativo e, ao mesmo tempo, compromete-se menos com as posturas atribuídas a outras pessoas, no sentido de que os comportamentos e posições ilustrados nas evidências pertencem a estas, como se o falante estivesse assistindo a uma cena do ponto mais alto do auditório. Esse caráter *avaliador* é confirmado pelo maior número de ocorrências de *você* (genérico ou não)<sup>22</sup> no macroepisódio *Uso da língua*, trecho em que os falantes, sobretudo I, procuram defender posições,<sup>23</sup> daí essa forma ser considerada uma marca de inserção de ponto de vista (PV).

A expressão do PV através do *você* genérico está ligada a uma estratégia de modalização, devido à impessoalização conferida ao

discurso por tal pronome, porque o falante sabe que suas posições podem ser contestadas. Como essa forma carrega sempre certo grau de seu significado prototípico, ao empregá-la, o falante não deixa de trazer o interlocutor para a cena comunicativa em construção, utilizando inclusive vocativos e formas pronominais de terceira pessoa como em 560-561.

Devido ao fato de o “discurso ser conceptualizado como um evento no tempo ao invés de uma atividade no espaço”, logo “sua dimensão temporal ser mais proeminente que a espacial”,<sup>24</sup> o verbo que aparece junto ao pronome *você* genérico desempenha um papel fundamental nessa semiose. O sentido abstrato conferido a verbos que denotam ações físicas - pegar, ver, chegar - atua na construção da dêixis genérica do pronome e no PV abrangente, forte, porém cuidadoso, do falante que está defendendo sua posição. Nesse contexto, o falante é construído espacialmente no discurso através da dêixis sociopessoal, uma projeção da metáfora *apontar-para*.

Embora considere prematuro estabelecer generalizações, devido à pequena quantidade de dados analisados, as construções prefaciadoras envolvem projeções de metáforas que podem ser consideradas universais na conceptualização dos sentidos. Nas estratégias dêiticas utilizadas pelos falantes nessas construções, há, por exemplo, duas partes da metáfora do canal:<sup>25</sup> IDÉIAS SÃO OBJETOS, em *você pega*, e COMUNICAR É ENVIAR, em *você chega*, o que demonstra a estruturação metafórica de um conceito em termos de outro na tentativa dos falantes de levar seus interlocutores ao entendimento de suas teses. Essa busca pelo entendimento conduz a outra metáfora: ENTENDER É VER, presente no prefaciador *você vê*.

Nesse sentido, pode-se interpretar metaforicamente o discurso conversacional como um objeto constituído de partes sinalizadas por tais prefaciadores, em cujos espaços mentais em que são construídos encontram-se metáforas estruturadoras do pensamento, presentes na vida cotidiana dos falantes de português. O papel dessas metáforas na formação das estratégias dêiticas revela as bases sociocognitivas do modelo de dêixis adotado, pois os falantes identificam as funções desempenhadas por tais formas na organização conjunta do discurso.

## NOTAS

<sup>1</sup> FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER & SWEETSER, 1996; DOIZ-BIENZOBAS, 1995; CUTRER, 1994; DINSMORE, 1991.

<sup>2</sup> Célia e Isalmir são irmãos, este é casado com Bebete e é pai de Luana. Wilton é noivo de Célia. Todos os participantes sabiam que a conversa estava sendo gravada, contudo, para evitar constrangimentos, o gravador foi colocado em uma das cadeiras da mesa de jantar.

<sup>3</sup> SALOMÃO, 1999, p. 64.

<sup>4</sup> MARMARIDOU, 2000 *passim*.

<sup>5</sup> Foram usados nas transcrições os seguintes símbolos:

/.../ - transcrição parcial;

[[ - falas simultâneas;

[ - sobreposição de vozes;

... ou (+) - pausas;

( ) - falta de clareza na audição;

- trechos descartados, palavras inconclusas e truncamentos bruscos;

LETRA MAIÚSCULA - ênfase ou acento forte;

:: - alongamento de vogal ou consoante;

(( )) - comentários do analista;

// - entonação interrogativa;

/ - entonação semi-exclamativa;

\ - entonação descendente.

<sup>6</sup> MARMARIDOU, 2000, p. 68.

<sup>7</sup> LAKOFF, 1987, p. 490.

<sup>8</sup> MARMARIDOU, 2000, p. 100-101.

<sup>9</sup> *It is now closing time. Thank you for your custom and we hope to see you again soon.*

<sup>10</sup> *You can never tell what youngsters actually want nowadays.*

<sup>11</sup> *You beat the eggs until fluffy.*

<sup>12</sup> TOMASELLO, 2003, p. 13-14. Segundo Tomasello, o aspecto (i) da cognição humana está ligado à sua filogênese; (ii) e (iii), à sua ontogênese.

<sup>13</sup> Inicialmente, MARMARIDOU (2000, p. 77) considera o *you* de (iii-b) como uma forma que invoca um interlocutor quase-genérico (*quasi-generic*).

<sup>14</sup> DINSMORE, 1991, p. 125.

<sup>15</sup> MARMARIDOU, 2000, p. 100.

<sup>16</sup> Os turnos foram segmentados com base no conceito de *unidade de idéia* de Chafe (1987, 1988).

<sup>17</sup> CLARK, 1996, p. 161ss.

<sup>18</sup> Trabalhei com a formulação de Gorski (1993, 1994) para os conceitos de tópico, episódio e evento. Segundo a autora (1993, p. 32), “tópico corresponde ao participante de um evento ou situação codificado morfossintaticamente, no plano seqüencial, como elemento sobre o qual se fala, ou como *ponto de referência* do enunciado. Esse tópico é visto numa estrutura linearizada, sendo explicitamente mencionado e podendo ser codificado com diferentes graus de proeminência”. Episódio é definido como uma “unidade semântico-discursiva que consiste em um conjunto de eventos relacionados e governados por um tópico central”; e evento como uma “unidade semântico-discursiva, constitutiva do episódio, que corresponde a um centro de interesse que contém ações/estados com graus variáveis de integração, governados por um subtópico global” (1994, p. 69-70).

<sup>19</sup> O verbo *pegar* foi interpretado como presente do indicativo, devido ao uso mais freqüente desse tempo e modo verbal na conversa, não obstante a homonímia com o modo imperativo. Ainda que o modo fosse analisado como imperativo, dada a carga semântica do verbo, com sentido de *analisar*, *observar*, não se trataria de uma ordem para executar um movimento físico, porém de um convite à reflexão, atenuando o emprego desse modo.

<sup>20</sup> Há dez casos de uso da construção *você+pegar* e nove de *você+ver* em quarenta casos de construção com *você* genérico em meia hora de gravação.

<sup>21</sup> BERNARDO, 2002.

<sup>22</sup> 40 casos de *você* [+genérico]; 20 [-genérico] e 18 não-genéricos.

<sup>23</sup> Há seis ocorrências no macroepisódio *Riqueza de uma língua* e duas no macroepisódio *Família comilona*, as quais envolvem um contexto *irrealis* e uma situação hipotética, respectivamente.

<sup>24</sup> MARMARIDOU, 2000, p. 94.

<sup>25</sup> A metáfora do canal (*conduit metaphor*) de Michael Reddy, retomada por Lakoff & Johnson (2002, p. 54ss), é conceituada como uma metáfora complexa, segundo a qual IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS; EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES; COMUNICAÇÃO É ENVIAR. Nesse sentido, o “falante coloca idéias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as idéias-objetos das palavras-recipientes”. Essa metáfora, que estrutura a linguagem sobre a linguagem, está presente em inúmeras expressões do inglês e do português.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Sandra Pereira. *Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio-cognitiva*. 2002. 221 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

\_\_\_\_\_. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 1-27.

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CUTRER, Michelle. *Time e tense in narrative and in everyday language*. San Diego: University of California, 1994.

DINSMORE, John. *Partitioned representations*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1991.

DOIZ-BIENZOBAS, Aintzane. *The preterite and the imperfect in spanish: past situation vs. past viewpoint*. San Diego: University of California, 1995.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. *Sapces, worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

GORSKI, Edair Maria. Iconicidade e topicidade no discurso narrativo. In: VOTRE, S. (Org.). *Iconicidade - Funcionalismo em Lingüística*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1993. p.16-40.

\_\_\_\_\_. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. 1994. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro. (copião).

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

MARMARIDOU, Sophia S.A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.

PUTNAM, Hilary. *Razão, verdade e história*. Trad. António Duarte. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção de sentidos e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.